

Rudra
Kelly Hamiso

ESTE LIVRO É DEDICADO A

João Dias,

MEU MARIDO.

“TOME CUIDADO COM O VAZIO DE UMA VIDA
OCUPADA DEMAIS.”

Sócrates

Workaholic

MARCOS TENTOU BEIJAR SUA ESPOSA, mas ela virou o rosto. Apesar disso, Deborah ainda o amava. E mesmo sentindo o peso do corpo dele pressionar o seu contra a parede, numa tentativa frustrada de impedi-la de sair, ela continuou firme. Ergueu os olhos até os dele com lágrimas insistentes rolando pelo rosto: ambos estavam desestruturados.

Deborah sussurrou:

— Por favor!

— Não vou deixar você ir.

— Me deixe ir, Marcos. Não torne as coisas mais difíceis.

— Não faça isso comigo. — Ele segurou carinhosamente o rosto dela entre suas mãos e continuou: — Eu... eu prometo que vou parar. Vou dar um jeito nisso...

— Me desculpe, Marcos, mas desta vez não. — Retomou num tom ainda mais firme: — Você nunca irá parar. Já me prometeu isso tantas vezes. E tudo o que fazemos é adiar o fim. Já tomei a minha decisão.

O celular de Marcos começou a tocar; fitaram-se por um momento. Deborah queria conferir se ele resistiria àquele som, que para ela era um insulto. O som persistiu. Era nítido nos olhos dele a ansiedade para atender o celular. Mesmo naquele momento tão decisivo em sua vida, Marcos não sabia o que era mais importante para ele.

- Atenda...
- Você sabe que é importante, Deborah.
- Esse é o problema, Marcos: tudo é mais importante do que nós.

O toque continuou, insistente, deixando o clima ainda mais tenso entre eles. Marcos baixou os olhos num conflito injusto para ele: precisava atender; precisava mantê-la ali.

Voltou a encará-la e viu olhos tristes e sinceramente decididos. Inúmeras brigas sobre o mesmo assunto já haviam acontecido, porém sempre chegavam em um acordo, apesar de Marcos nunca cumprir suas promessas. Ela já havia dito, em outras discussões, que iria embora, mas nunca com aquele olhar; nunca tão controlada.

O toque cessou. Marcos soltou os braços e Deborah caminhou com rapidez até o quarto, apanhou a mala e passou a enfiar as roupas de forma desorganizada lá dentro.

Marcos permaneceu por um tempo no meio da sala do apartamento; não podia deixar sua mulher e filho atravessarem a porta e irem embora. Seguiu até o corredor, decidido a convencê-la, contudo ouviu mais uma vez o toque do celular. Parou abruptamente. O aparelho o dominava. *Precisava* atender. Seria rápido. Poucas palavras resolveriam seu problema, e depois ele gastaria o tempo necessário para se entender com Deborah.

Olhou para trás; o aparelho piscava e vibrava.

— Alô!

Deborah, ao ouvir o marido falando na sala, desesperou-se e passou a arrumar tudo ainda mais rápido, aos prantos. *Ele está realmente doente*, pensou. Minutos depois, ela o viu parado na porta.

— Deborah, a gente pode se entender. Somos adultos. Não posso deixar você atravessar esta porta com o nosso filho. Como vou ficar sem vocês?

— Já não está conosco há muito tempo, Marcos. Só você não percebeu.

— Isso não é verdade. Eu amo vocês. Eu trabalho duro por vocês. Quero te dar de tudo, Deborah! Você vem de uma família rica, e eu nunca quis que sentisse falta da vida que tinha com seus pais.

Deborah se exaltou, voltando a ficar trêmula.

— Não me venha com esse discurso machista e hipócrita, Marcos. Eu nunca te pedi nada. Você trabalha por você...

Marcos se alterou também:

— Deborah, pelo amor de Deus! Eu não uso drogas, não bebo, não tenho amantes. Sou um homem de bem. Nunca faria mal a você. Você sabe que muitos dos nossos casais de amigos têm problemas como esses. Eu só tenho vocês e o meu trabalho. Você não pode jogar nosso casamento fora porque eu trabalho demais, é insensato, soa ridículo.

— Ridículo? Ridículo é o pai esquecer a festa de aniversário do filho. Ridículo é eu viajar com nosso filho e minha mãe em todas as férias. É estarmos sentados na mesa pra ceia de Natal enquanto você troca mensagens com seus clientes. Ridículo é você não saber onde seu filho estuda. Você sabia que a professora dele achou que eu fosse divorciada? Você sabe o nome da escola dele, Marcos?

— Você sempre tomou a frente de tudo...

— De tudo? Se eu não fizer as coisas, quem irá? Você nem soube que eu fui demitida do trabalho e estou em outra empresa há três meses. Tentei falar com você várias vezes, mas está sempre ocupado, falando de você mesmo ou com o celular na orelha. — A esposa fez uma pausa para se acalmar e o encarou. — Ridículo, Marcos, é você fazer amor comigo uma vez no mês e nem ao menos tirar as minhas roupas. Não saímos para jantar nem fazemos programas juntos.

— Você nunca reclamou, Deborah. Não sou um cara romântico. Você sabe o que eu penso sobre essas frescuras de casais. Temos uma casa confortável e aconchegante e você quer fazer sexo num motel? Acha mesmo que rosas, chocolates e música romântica melhoram o relacionamento?

— Essas coisas de casais são importantes, Marcos. Mostram que você se importa.

— Achei que você tinha a mesma opinião que eu.

— Esse é o problema, já não pensamos do mesmo jeito. E eu não vou desperdiçar mais nem um minuto da minha vida te esperando. Você não tem tempo para ter uma família.

— E você acha que nosso relacionamento não merece uma chance? Somos tão infelizes assim? Temos um filho!

Ela, percebendo o quão abalado seu marido estava, aproximou-se dele e abaixou a voz.

— Isso não é um relacionamento. Eu entendo que esse cargo era tudo o que você almejava, e te apoiei do início ao fim. Você ficou três meses nos Estados Unidos e três na Alemanha fazendo cursos. Fez duas faculdades. Eu te apoiei em todos esses momentos. Sempre tive orgulho de você, Marcos. Todo o sucesso que alcançou é fruto do seu empenho e trabalho duro, mas você não sabe a hora de parar. Não sei o que você se tornou, e enquanto você não perceber que passou dos limites nada vai mudar. Me fale, Marcos, aonde mais você quer chegar?

Em silêncio, Marcos tocou seu rosto carinhosamente. Depois perguntou:

— Você não me ama mais, não é?

— Amo você como nunca vou amar outro homem, Marcos. Mas você não é meu companheiro. Você é uma pessoa maravilhosa, mas nasceu pra ficar sozinho.

— Você está me traindo? — perguntou com a voz embargada.

— Não, claro que não — disse, tirando a mão dele do seu rosto —, mas estou indo antes que isso aconteça.

Deborah foi até a mala, fechou o zíper e caminhou até o quarto do filho, que assistia à TV tranquilamente, sem fazer ideia do que estava acontecendo no quarto ao lado.

— Você está bem, filho? — Arthur balançou a cabeça positivamente. Deborah se abaixou diante do filho e o abraçou apertado. Encarou-o nos olhos e, sorrindo, declarou: — Eu te amo, Arthur.

— Também te amo, mamãe. — Ela se levantou, apanhou a mala e a mão de Arthur. — Aonde a gente vai, mamãe?

— Vamos ficar na casa da vovó por um tempo, tá bom?

— E o papai?

— O papai vai trabalhar.

Passaram por Marcos, que estava próximo à porta de saída com os olhos marejados.

— Não posso deixar que vá embora. Vamos conversar... Como eu vou ficar aqui sem vocês?

Deborah abriu a porta e esboçou um sorriso triste.

— Você nem vai sentir a nossa ausência.

Marcos Monterrey

CINCO ANOS DEPOIS

MARCOS ACORDOU OFEGANTE. Suava frio e mantinha a respiração intensa, como se tivesse nadado por muitos metros até alcançar a superfície. Estava exausto e sem fôlego.

Sentou-se na cama, sentindo o tapete macio sob seus pés, e apoiou os cotovelos nos joelhos, passando as mãos por trás da nuca. Apertou os olhos e tentou respirar alternadamente por alguns minutos, esperando que a angústia passasse.

Logo o alarme do celular tocou, despertando-o daquela agonia. Apanhou o aparelho e desligou seu som irritante. Algo estava errado: as crises estavam cada vez mais frequentes. Conferiu a hora, eram seis da manhã. Estufou o peito e ergueu o queixo, tomando seu porte autoritário, não tinha tempo para perder com mal-estar. Levantou-se e ordenou:

— Acender luzes.

As luzes da suíte se acenderam ao comando de sua voz. Passou para o banheiro e ordenou novamente. Abriu um aplicativo no seu celular e digitou a intensidade da pressão do jato que desejava no chuveiro, a temperatura da água e a luz certa de acordo com a cromoterapia. Quando confirmou, um jato forte, quente e iluminado de verde saiu do chuveiro. Arrastou para o lado a porta de vidro e entrou no box.

Tomou um banho rápido e escovou os dentes lá mesmo. Secou seu corpo e seus cabelos negros e lisos, que já caíam sobre a testa. Voltou para o quarto e vestiu a cueca diante do espelho. Trinta e cinco anos, costas largas e braços definidos devido a uma adolescência inteira praticando

natação cinco vezes por semana, religiosamente. E um metro e oitenta e dois que o deixava ainda mais elegante dentro do terno. ~

Mantinha a barba bem aparada, sem falhas nos pelos que se destacavam sobre sua pele branca. Os olhos eram o abre-alas daquele homem. Tinham um formato cerrado, mas isso não impedia que aquelas esferas verde-claras fossem admiradas. Por conta delas, era chamado de “gato”, um apelido secreto usado pelo mulheril do departamento no qual trabalhava.

Homem muito sério e direto. Poucas coisas o faziam sorrir. Por isso, mostrar seu sorriso de dentes perfeitos era um presente para quem os visse. Os olhos e o sorriso eram seus atrativos naturais; quanto aos adicionais, Marcos estava sempre bem-vestido e cheiroso.

Ele abriu o guarda-roupas, apanhou um terno cinza-escuro e vestiu a calça. Passou a toalha sobre os pelos do peito antes de vestir a camisa azul-clara. Apanhou o celular e ordenou:

— Ligar para Vânia.

A voz feminina e robotizada do seu celular respondeu:

— *Ligando para Vânia.*

No segundo toque, a chamada foi atendida:

— Bom dia, doutor Marcos! — disse a voz de sua secretária, soando alta por meio do viva-voz do aparelho.

— Bom dia, Vânia! — cumprimentou, borrifando perfume contra o abdome. — Pediu para o motorista vir me buscar?

— Sim, senhor. Ele está atrasado?

— Eu não descii ainda, apenas queria saber se estava tudo certo.

— Vou checar, doutor Marcos. Só relembrando que o senhor tem uma reunião com a dona Martha hoje, às nove horas. — Enquanto ouvia, abotoou a camisa no peito e nos punhos. — Hoje o senhor vai almoçar no escritório. Pode me adiantar o pedido?

— Qualquer coisa rápida, pois não posso perder tempo com almoço.

— Pode ser um sanduíche?

— Sim... — disse Marcos, penteando os cabelos. — Ivan deixou algum recado sobre o fiscal da obra do Rio?

— Ele não ligou, doutor Marcos. Mas posso entrar em contato...

— Não, Vânia — ele a interrompeu. — Não se preocupe, é só isso.

— Só mais uma dúvida, doutor Marcos: o aniversário da dona Bianca é no dia 15 de julho.

— Ainda falta um mês... — interrompeu ele.

— Eu sei, mas gosto de manter tudo adiantado. O senhor tem algo em mente para presentear-la?

— Não... — disse, olhando-se no espelho. — Mas compre uma joia ou algo assim.

— Anotado. Vou procurar algumas opções e mostro o catálogo para que o senhor escolha.

— Escolha você, Vânia, confio no seu bom gosto.

— Obrigada, doutor, farei isso. Antes de desligar, acabei de receber a mensagem do motorista. Ele o aguarda lá embaixo.

— Obrigado, Vânia. Até mais.

— Até mais.

Marcos colocou um reluzente relógio em torno do pulso e o prendeu com um clique. Aproximou-se do espelho ajustando o nó da gravata vermelha. Apanhou o celular e saiu do quarto, comandando:

— Apagar luzes.

Foi até a sala de estar do apartamento e viu o filho sentado no sofá. Já estava vestido com o uniforme escolar e fazia da mochila apoio para os pés. Marcos olhou para o menino, que tinha os olhos grudados no celular.

— Arthur, não acha que é cedo demais para isso?

— Pai, você tem que ver o que eu construí no Minecraft.

— Que bom que está gostando, filho — disse mecanicamente. Não tinha a mínima ideia sobre o que o filho estava falando. — Abrir cortinas.

As persianas se ergueram automaticamente, revelando uma imensa parede de vidro, que deixava o ambiente sem privacidade, mas que brindava os olhos dos apreciadores da individualidade pitoresca da megalópole, em tons de cinza e com seu céu espetacularmente chumbo. Um dia tão frio e monocromático quanto seu apartamento, no qual a mesa de trabalho, com tampo de vidro fumê, destacava-se no ambiente ainda mais do que seu conjunto de sofá italiano, de cujo conforto Marcos havia desfrutado pouquíssimo.

A máquina de café expresso, programada no dia anterior pela empregada, ligou em outro passe “automático”. Pontualmente, às seis e quarenta e cinco, o líquido negro escorreu no centro da xícara e o cheiro de café se espalhou pelo apartamento.

— Quer tomar café da manhã, filho? — perguntou Marcos, mexendo o líquido na xícara e o tomando em dois goles. ~

— Não, pai, estou sem fome. Depois eu como um sanduíche na cantina da escola.

— Ótimo, assim não perdemos tempo. Vamos?

Marcos apanhou a carteira, os óculos de sol e sua pasta com o notebook. Arthur se levantou, jogou a mochila nas costas, ainda olhando no celular e com os polegares frenéticos sobre os comandos. Marcos pousou a mão no ombro do filho para conduzi-lo até a porta. Andavam sempre assim, era um jeito de não se perderem em lugares públicos, já que sempre estavam com os olhos nos seus celulares. Era, também, todo contato físico que tinham: mão no ombro e um beijo antes de descer do carro e ir para a escola.

Ao trocar mensagens, pai e filho diziam que se amavam constantemente, mas o sentimento se limitava a demonstrações virtuais de afeto. Sentimentos portáteis.

Quando estavam em casa, apesar de juntos, pertenciam às suas paixões individuais. Marcos dava tudo ao filho: melhor escola, melhor curso de inglês, melhor instrutor de natação, melhor celular, melhor *video game*, melhor babá. Os brinquedos mais caros e os passeios mais felizes, porém sempre na companhia de Roberta, a acompanhante de Arthur, que era o destaque nos álbuns de fotos do menino e que já havia ido a Disney com ele três vezes.

Arthur era um ótimo filho, calado, obediente e educado. Muito magro, pois era muito seletivo para comer. Usava óculos desde pequeno, mas as lentes não ofuscavam seus lindos olhos verdes, herança do pai. Todos diziam que Arthur era tão parecido com Marcos que era como sua miniatura. O menino gostava de ouvir aquilo devido aos inúmeros elogios que recebia sobre o quão bonito era seu pai.

— Destruir porta.

Ouviram um clique, e a porta de entrada se abriu, levando-os ao pequeno *hall* que dividiam com o apartamento ao lado. Ele apertou o número zero do painel do elevador e em seguida confirmou com sua digital, fazendo as portas se abrirem.

Desceram até a recepção, Marcos cumprimentou o porteiro, mas sem tirar a mão do ombro do filho. Ganharam a rua na qual o carro da empresa os aguardava. Abriu a porta traseira, esperou que Arthur entrasse e em seguida se acomodou também.

— Bom dia, doutor Marcos! — saudou o motorista.

— Bom dia!

O motorista colocou na estação de rádio que informava as notícias da manhã e seguiu. O carro preto com vidros escuros tornava impossível ver quem estava dentro. Enquanto o barulho, o frio e a fila infinita de carros deixavam as pessoas enlouquecidas lá fora, Marcos e o filho iniciavam tranquilamente a sua rotina: o menino jogando no celular; Marcos ocupado demais com suas mensagens para perceber o caos que se estabelecia nas ruas.

Lia todas as mensagens e respondia a algumas no conforto do banco de couro e no privilegiado silêncio que proporcionavam os carros blindados. São Paulo, para os dois, passava imperceptível diante do vidro.

O motorista parou em frente à escola, olhou no retrovisor interno e, como pai e filho não fizeram nenhum movimento, anunciou:

— Chegamos, doutor.

Os dois despertaram de seus aparelhos celulares. Arthur apanhou a alça da mochila, deu um beijo no rosto do pai e saiu. Marcos ficou esperando que ele atravessasse o portão e só então ordenou para que o motorista seguisse para seu destino.

Apesar de lento, o trânsito fluía, facilitado pela rota que o motorista havia traçado utilizando o GPS para encontrar o melhor caminho até o edifício da Costa Barreto, na Avenida Paulista.

Marcos então ouviu o toque do celular, um toque convencional, já que não tinha tempo para colocar sua música preferida, e também achava aquilo antiético: usava o aparelho estritamente para o trabalho. Voltou a dar atenção aos seus compromissos, até que trinta minutos depois o carro entrou na avenida. Alguns metros à frente, já podiam ver o imponente edifício espelhado da Costa Barreto.

Marcos apanhou o celular, a pasta e saltou do automóvel. Atravessou o *hall*, onde havia um chafariz com o nome da empresa, do qual jorrava água sobre uma pedra de mármore importado. Colocou sua digital sobre um painel e teve permissão para atravessar a catraca, digitou o andar e a porta do elevador se abriu. Duas mulheres que lá estavam se entreolharam com sorrisos maliciosos depois que mecanicamente Marcos respondeu:

— Bom dia.

Ele exibia um porte altivo que exalava autoridade. A voz grossa, sempre em tom firme, garantia segurança às suas palavras. Até seus gestos e movimentos pareciam programados. ~

Voltou os olhos para o celular, cuja tela se enchia de mensagens e de chamadas não atendidas; entre elas estava uma de Bianca, sua namorada. Não retornou.

As portas se abriram no décimo andar, diante de uma antessala, na qual ficava a mesa da sua secretária. Aproximou-se dela ouvindo o celular tocar. Antes que pudessem trocar alguma palavra, atendeu. Vânia tentou mantê-lo ali, balbuciando e mostrando com gestos que precisava de assinaturas, mas a conversa no celular se tornou calorosa e Marcos saiu andando pelos corredores.

— Doutor Marcos... — Tentou Vânia inutilmente, vendo o chefe desaparecer.

Ela deixou os ombros caírem e se levantou apressada, apanhou as folhas, a caneta preferida dele e saiu saltitando sobre seus sapatos.

Vê-la saltitando atrás do chefe era uma cena típica naquela empresa. Vânia era a secretária perfeita: além de cuidar das questões profissionais de Marcos, cuidava de sua alimentação e de sua vida pessoal. Sabia de todos os seus gostos e compromissos; ele não tinha tempo para perder com isso.

Os familiares do executivo sempre usavam o mesmo discurso quando se encontravam esporadicamente em alguma reunião familiar, dizendo a Marcos que trabalhava muito. Mas ele amava o que fazia e por isso não achava demais. Gostava de ser o *frontman* da empresa. Ser útil. Capaz de resolver qualquer desafio e obstáculo, e gostava ainda mais da indescritível satisfação ao superá-los. Era como um vício.

Marcos desligou o celular e voltou para sua sala. Vânia o acompanhou com o calhamaço e a caneta. Ele se sentou, soltando antes os botões do terno, tirou o notebook de dentro da pasta e o pousou sobre a mesa. E, quando o ligou, viu seus e-mails se enfileirarem em centenas de mensagens não lidas.

Como em todas as manhãs, Vânia lhe trouxe um café e iniciou os recados deixados, mesmo sabendo que ele não estava ouvindo. Havia sido orientada a passar aquelas informações para ele oralmente assim que chegasse, e assim agia havia anos, com toda a dedicação.

— Primeiro, eu gostaria de parabenizar o senhor pelo noivado.

Marcos, sem desgrudar os olhos do computador, perguntou, mostrando pouco interesse:

- Que noivado, Vânia?
- O noivado do senhor com a dona Bianca.

Antes que ele perguntasse, Vânia lhe mostrou o jornal, uma foto dele com a namorada num restaurante; a mão direita de Bianca estava em destaque, um círculo vermelho em volta do dedo anelar. Na manchete: “Marcos Monterrey pede Bianca Costa Barreto em casamento”.

Apesar do sorriso sem jeito, Vânia se sentia desapontada. Sabia tudo sobre o chefe e se via traída por não saber sobre o noivado.

Marcos não leu a matéria. Dobrou o jornal e, sem dar muita importância, devolveu à sua secretária.

— Isso não é verdade, Vânia. Não fiquei noivo. — Voltou a dar atenção aos e-mails, e um deles chamou sua atenção. Aproximou os olhos da tela e seu rosto se fechou. Disse num tom áspero, não com Vânia, mas pelo efeito da má notícia: — Esse cara está me tirando do sério! Vânia, acho que vou precisar de um voo para o Rio.

— Quais os horários de sua preferência?

— Ainda não sei... — disse, numa conversa particular. — Nunca vi tanta arrogância. Me traga outro café e continue com os recados, por favor.

Vânia foi até a máquina de café e preparou uma pequena xícara, com apenas um sachê de açúcar.

— Bem, eu preciso que o senhor assine algumas liberações... — Tentou a secretária, voltando com outro café.

Ouviram alguém bater à porta. Vânia parou de falar e saltitou até ela. Antes que pudesse autorizar a entrada, dois engravatados entraram com expressões preocupadas, sentando-se na frente da mesa do executivo.

— Bom dia! — disse Vânia para si, pois os dois haviam passado por ela feito dois trens desgovernados.

— Você não vai acreditar, Marcos...

— Eu já sei. O fiscal me mandou um e-mail.

— O que faremos? — perguntou um dos homens, visivelmente tenso.

— Vou até o Rio de Janeiro falar com ele — respondeu Marcos, como se aquilo não o abalasse. — Quero ver o que esse fiscal vai me apresentar. Ele não tem argumentos contundentes para embargar minha obra.

— Mas e se ele parar?

— Ele não vai parar minha obra. — Virou-se para sua secretária. — Vânia, preciso de passagens de ida e volta para o Rio. Quero estar na obra amanhã no primeiro horário.

— Ok, doutor Marcos — assentiu enquanto anotava na agenda. — Ligo para a acompanhante do Arthur para dormir na sua casa com ele?

— Bem lembrado. Providencie tudo para minha viagem, por favor.

— Vou fazer isso agora mesmo, mas antes eu preciso que o senhor assine essas liberações.

Vânia pousou sobre a mesa as folhas, milimetricamente enfileiradas.

— O que é isso, Vânia?

— São para a liberação de contratação dos novos funcionários. Já validei tudo, o Alex selecionou, entrevistou e fez os testes. A Cinthia já checkou a documentação. Esses já são os aprovados, só preciso da sua assinatura consentindo a contratação.

Marcos grudou os olhos nas páginas e estendeu a mão para o alto, Vânia automaticamente lhe entregou sua caneta preferida, porém, antes que pudesse iniciar sua assinatura, outro homem entrou na sala sem bater, ainda mais tenso do que os primeiros visitantes.

— Marcos, o fiscal disse que só fala com você — disse, gesticulando. — Para não mandar mais nenhum funcionário para a obra nem material, porque a partir de amanhã ninguém entra mais.

O executivo ficou olhando para o recém-chegado, pensando no que dizer e com a ponta da caneta engatilhada na linha da assinatura.

— Eu tenho quinze torres sendo erguidas, uma me dá trabalho por todas elas.

— A poderosa está chegando aí — avisou o recém-chegado, referindo-se à presidente.

— Pode deixar comigo — respondeu Marcos tranquilamente. — Eu resolvo.

— Juro que queria ter a sua calma. Eu nem dormi essa noite, depois que aquele filho da puta falou o que realmente queria. Parece que a rixa dele é com você.

— Eu não o conheço. — Marcos se virou para Vânia. — Traga-me as pastas da Torre do Rio, e outro café, por favor.

— Vou buscar agora mesmo.

Quando Vânia saiu, um dos homens lhe estendeu um cartão com um olhar cúmplice.

— Aqui está o telefone de umas amigas minhas do Rio, se você quiser dar uma relaxada...

Marcos desceu os olhos até o cartão, no qual havia a foto de uma garota usando *lingerie* e um número de telefone. Não fez nenhum gesto para apanhá-lo.

— Agradeço a gentileza, Moura, mas vou ao Rio a trabalho.

O homem voltou a guardar o cartão na carteira, mas antes mostrou a foto para o homem ao seu lado, que pareceu gostar do que estava vendo. Nesse momento, o telefone da mesa de Marcos tocou.

— Alô.

— Doutor Marcos — disse a telefonista —, o doutor Clóvis na linha um, e na linha dois o Ivan.

— Pode passar o Ivan, por favor. — Esperou por um segundo. — Alô, Ivan. Estarei aí pela manhã, preciso que esteja na obra. Vamos encurralar esse cara. Ele não pode parar meu trabalho, não tem motivos pra isso. — Ficou em silêncio antes de voltar a falar: — Eu sei que ele quer dinheiro, mas eu não vou aceitar. — Marcos ouviu o celular tocar e olhou no visor. — Ivan, o fiscal está me ligando no celular. Aguarde um

momento, vou atendê-lo. — Marcos levou o celular até a orelha e cumprimentou: — Bom dia!

Voltou a ficar em silêncio, ouvindo o fiscal. Seu semblante mudou completamente, tomando uma forma dura. Apenas alguns segundos ouvindo o homem do outro lado da linha foi o suficiente para fazê-lo se levantar, como um macho alpha que é desafiado por outro para um duelo. Todos ficaram em silêncio, com olhos arregalados para o jovem executivo, tentando ouvir qualquer coisa que indicasse a rendição do fiscal e o fim daquele conflito.

Vânia voltou a entrar na sala e viu o telefone fora do gancho.

— Alô!

— Oi, Vânia, é o Ivan. E o Marcos?

— Ivan, ligue daqui a pouco. O doutor Marcos está no celular. Acho que vai demorar.

— Tá bom, ligarei em cinco minutos.

Ela voltou o telefone no gancho, e imediatamente duas linhas voltaram a tocar.

— O doutor Marcos não pode atender agora — disse ela à telefonista.

— O doutor Clóvis na linha dois e a dona Bianca na linha três. Ela disse que vai aguardar. ~-~

Vânia levou os olhos até seu chefe, que ainda andava pela sala. Ele não atenderia, então ela se voltou para a telefonista:

— Ele está no celular e a sala está cheia. Deixe os dois na espera.

— Ok.

Marcos atravessou a porta e saiu sem rumo pelos corredores da empresa, gastando o seu vocabulário e fazendo as moças do andar ficarem desatentas com sua presença.

Vânia deixou os ombros caírem novamente, desanimada. Precisava daquelas assinaturas, então saiu atrás de seu chefe como uma sombra saltitante. E apesar de Marcos mostrar um tom firme num timbre alto, estava controlado. Ela foi para fora e parou ao lado de uma mesa, vendo seu chefe caminhando sem rumo.

— Nossa, Vânia, como você consegue?

A secretária olhou para a mulher com olhar curioso.

— Consigo o quê?

— Trabalhar ao lado de um homem desses. Quando ele passou aqui, o cheiro ficou no caminho.

Vânia lhe lançou um olhar rápido de reprovação e continuou observando seu chefe, como uma ave de rapina sobre sua presa, à espera que ele pedisse algo. Somente um som a tiraria daquela espreita: o som de saltos imponentes sobre o chão. E foi o que ela ouviu próximo à sala de reuniões.

Dona Martha era uma senhora de sessenta e quatro anos, pequena, muito magra, cabelos curtos pintados de louro, sempre com o mesmo penteado moldado com musse fixador, o que a deixava com um ar ainda mais imponente e compunha seu perfil robótico. Tinha um olhar especulador, mas mantinha sempre um sorriso congelado, indecifrável: não era possível saber se estava feliz de fato ou sendo irônica. Parecia um robô. Não demonstrava nunca com expressões faciais as suas emoções; diziam que conversar com ela era como falar com um objeto: era impossível saber o que estava pensando.

Era por trás de uma mulher fisicamente frágil que se escondia a presidente da empresa Costa Barreto, uma construtora de edifícios residenciais e comerciais, pioneira no país e que sustentava um nome empresarial que era sinônimo de bom gosto e qualidade. Apesar de a empresa ser fundada por seu sogro, foi somente quando ela e o marido tomaram a frente que a empresa despontou no ramo.

Seu Augusto Costa Barreto, o marido, era os braços e as pernas da empresa. Dona Martha era, inegavelmente, a alma do negócio. Mulher inteligente, dinâmica e decidida. Sempre um passo à frente dos executivos,

mesmo dos mais experientes e dos mais cursados. Nada era um obstáculo para ela, pelo contrário: era muito perspicaz e calculista.

Vânia se desesperou ao ver que a diretora se dirigia para a sala. Acenou para o seu chefe e apontou para a sala de reuniões.

— Bom dia a todos! — disse a presidente olhando para a cadeira vazia de Marcos.

Ela se sentou à cabeceira da mesa e todos voltaram aos seus próprios assentos. Mesmo sendo uma reunião de rotina para atualizar as informações da semana, Marcos a julgava importante e tratou de finalizar a ligação.

Entrou na sala de reunião pedindo licença. Ao se sentar, dona Martha levou os olhos até seu pupilo, que mantinha o queixo duro, olhar firme e o rosto completamente vermelho.

— Marcos. — Ele se despreendeu dos seus pensamentos e olhou para a presidente. — Você está bem? Quer um pouco de água?

— Não, obrigado, dona Martha.

— Algum problema? — insistiu ela com certa serenidade na voz, mas cheia de autoridade no olhar.

Ele ergueu as sobrancelhas, tentando desfazer o vinco de preocupação, mostrando-se tranquilo.

— Nada que não possa ser resolvido.

Ela baixou os olhos e sorriu, sentindo-se orgulhosa. Sabia que, mesmo se uma das torres desabasse em toneladas de escombros, Marcos ainda diria “nada que não possa ser resolvido”. E, cada vez que ouvia isso, enchia-se de orgulho por ter encontrado a pessoa certa, já que não havia quem tomasse a frente da empresa quando ela e o marido estivessem velhos ou mortos.

O casal nutria por Marcos feição e admiração inegáveis, apesar de demonstrarem que era estritamente profissional. Mas era nos olhos daquela mulher rígida que se notava um sentimento que ia além da admiração pro-

fissional. Os invejosos usavam esse argumento para justificar a ascensão meteórica do jovem executivo, mas isso não era verdade. ~-

Dona Martha percebera no garoto calado, que trabalhava com afinco e desempenhava suas tarefas com total responsabilidade, um homem brilhante. Marcos era insistente e persistente. Empenhava-se muito em situações que pareciam sem solução.

Desde os seus vinte anos, quando Marcos entrara na Costa Barreto como estagiário, dona Martha treinara o rapaz para ser como ela, ensinara-lhe tudo. E via que, dia após dia, seu discípulo havia aprendido com toda devoção. Marcos havia nascido para liderar.

Ela dizia ao marido que homens como Marcos não surgiam em faculdades: eles nasciam líderes, por isso eram raros. Apresentava soluções e ideias viáveis, tinha um tino para diplomacia e um instinto inabalável de liderança: um general.

Marcos também era uma máquina de trabalhar. Não existia distração mais agradável do que seu escritório, não havia nada mais prazeroso do que passar horas na frente de um computador analisando tudo, não havia música melhor para seus ouvidos do que a voz do outro lado do celular dizendo: “você conseguiu”. O trabalho para ele era seu *hobby*, seu vício e um prazer absoluto.

Passara a ser o centro da empresa e o único candidato a seu sucessor. No começo, os executivos não ficaram confortáveis com a decisão de dona Martha de nomear um rapaz tão jovem para vice-presidente, mas em anos de total dedicação Marcos nunca havia desapontado sua mentora. Além disso, ninguém era capaz de ir contra as decisões de dona Martha.

Marcos era divorciado. A esposa não aguentara sua obsessão pelo trabalho, e o casamento se desfizera quando Arthur tinha apenas três anos. Não se casou novamente, mas havia um ano que namorava a sobrinha de dona Martha, Bianca. A moça perfeita: famosa, bonita, elegante, e o deixava livre para o trabalho.

Bianca se contentava com os raros momentos ao lado do namorado. Compreendia sua ausência e as longas viagens de negócios. Seu prêmio eram lindas fotos ao lado do homem mais badalado do momento. Às

vezes, dona Martha achava que aquele relacionamento existia por puro interesse de ambos: Marcos era o executivo famoso e influente que estava em destaque na mídia por conta de suas conquistas com tão pouca idade, e, claro, pela beleza. Já Bianca era a celebridade do momento, uma *socialite* que fazia muito sucesso nas redes sociais exibindo os prazeres proporcionados por seu altíssimo nível social, mas demonstrando nos vídeos certa humildade.

Juntos, Marcos e Bianca, num simples passeio no shopping, viravam o centro das atenções. Jovens, bonitos, populares e artificiais. E apesar de a mídia insistir em apresentá-los como um exemplo de casal moderno, mantinham um relacionamento frio e distante.

Por ora, pareciam mesmo o casal perfeito, mas dona Martha estava certa de que, com o passar do tempo, o gelo derreteria e a relação escorreria pelo ralo. Era isso que via para o futuro dos dois, apesar de a sobrinha ter anunciado recentemente um suposto noivado, que para dona Martha era mais um dos golpes de Bianca para se manter nos noticiários.

Mesmo assim, a presidente não reclamava, apesar de achar que aquilo não era saudável. Marcos era o sucessor robótico e excepcional que muitos empresários gostariam de ter como funcionário. Ele admirava dona Martha e se espelhava nela para tudo; ela era o seu ídolo. E a admiração era mútua.

Amauri, um dos executivos do departamento de vendas, ligou a TV e sua apresentação se iniciou. Mostrava todo o projeto de um resort, uma obra gigantesca. Mas, por um momento, dona Martha interrompeu a apresentação:

— Espere... — Todos olharam para ela, surpresos. — Antes que o senhor prossiga, esse local não é uma reserva indígena?

— Não, é uma propriedade privada.

— Sim, eu sei. Vou reformular a minha pergunta. Não havia nessas terras uma tribo indígena?

— Sim, mas eles foram embora.

— Como assim, foram embora? Pediram licença e simplesmente se retiraram?

— É que os assuntos burocráticos referentes à desocupação são de interesse do nosso cliente. Recebemos apenas a liberação para executar o projeto.

— Minha empresa não se vinculará a injustiças. Já havíamos conversado sobre isso, se não me falha a memória. Repito que a construção só será feita se a tribo foi transferida em comum acordo para outro lugar de tamanho igual ou maior ao que eles estavam ocupando. Temos um documento relatando isso?

— Mas é um empreendimento milionário.

— Trabalhamos de acordo com a lei e com a ética. Se o senhor não tem em mãos esses documentos, então a apresentação está encerrada.

— Mas a saída dos índios foi legal. As terras não eram deles...

— Moravam lá há mais de cento e cinquenta anos, passando de geração pra geração. Quem é dono de quê?

— O Marcos pode provar para a senhora que nada temos referente à desocupação. — Virou-se para ele. — Não é, Marcos?

— Não temos nenhuma responsabilidade...

— A pergunta é simples, senhores: para onde foram os indígenas?

O homem olhou para todos em busca de alguém com coragem para ficar ao lado dele, mas ninguém se manifestou. Sentiu o suor escorrer por dentro do terno, e continuou:

— Eu não sei, mas eu soube que resolveram com eles.

— Acredito que deva ter sido uma proposta irrecusável para um grupo de cinquenta indígenas abandonar suas casas e sair pacificamente para um lugar que ninguém sabe onde é.

O homem desligou a TV e olhou para os demais.

— Desculpe, dona Martha, pelo que vou dizer, mas eu achei que a empresa se preocupava apenas com a construção.

— Eu garanto que esses indígenas provavelmente foram expulsos, ameaçados, ou, na pior das hipóteses, dizimados. Sinto lhe informar, senhor, mas parece que você desperdiçou seus esforços.

— Mas se não fizermos essa obra, outro o fará.

— Então que outro o faça. Não será pelas minhas mãos.

O homem ficou em pé, indignado e sem saber o que dizer. Tentou mais uma vez:

— Eu realmente não estou entendendo.

— Não vou dormir com essa culpa. Precisamos desse empreendimento, Marcos?

— Não...

— A empresa corre algum risco financeiro se recusarmos?

— Não...

Ela se virou para o homem e sorriu.

— Algo mais a nos apresentar?

— Não, dona Martha, não tenho mais nada a dizer.

A reunião prosseguiu. Dona Martha, depois de ouvir a todos e tirar suas dúvidas, fazia seu discurso final. Os executivos que compunham a mesa não desgrudavam os olhos da empresária. Mais uma torre seria liberada, agora em Berlim. Era o início da invasão da Costa Barreto na Europa.

— Eu gostaria de finalizar agradecendo a esta equipe e a todos os funcionários por mais uma conquista. Senhores, esta reunião está encerrada.

Todos os diretores se levantaram e foram parabenizá-la, ela gostava de manter certo contato com os funcionários. E mesmo rodeada pelos seus

executivos, a empresária observou Marcos ainda sentado com o celular na orelha, esfregando a ponta dos dedos na testa, tenso.

Marcos foi para sua sala e a secretária anunciou o que ele já previa: Amauri estava à sua espera, de pé, com a tez enrubescida, olhando pelo vidro da janela. Marcos entrou, e ele foi rapidamente na sua direção.

— O que ela disse?

— Nada.

— Ela perdeu a noção. Ela está tão velha que perdeu o *feeling* para os negócios.

— Não vou admitir que fale assim da dona Martha. Por favor, saia da minha sala, ou seja ao menos digno de dizer isso a ela.

— Me desculpe, Marcos — disse o homem apertando o canto dos olhos. — É que estou muito nervoso. São quase vinte milhões perdidos por causa de meia dúzia de índios?

— A decisão é dela.

— Você não pode persuadi-la?

— Eu nunca faria isso. — Apesar de Marcos estar incomodado com a abordagem do homem, entendia sua frustração. — O que aconteceu com os indígenas?

— Eu sei lá. Quero que se fodam. Quem tem que pagar as contas com Deus é o nosso cliente.

— Não é bem assim que as coisas funcionam.

— Eu não ligo pra um bando de encostados e vagabundos se apropriando de terras alheias.

Marcos se sentou. Não compactuava com a opinião dele, mas, pensando como advogado, legalmente o cliente estava correto: as terras não eram dos indígenas.

— Sei o que quer dizer. Mas, se tudo está dentro da lei, mostre os relatórios. Traga os documentos comprovando que os indígenas foram para

um lugar tão bom quanto o lugar em que estavam. Ela não vai ter argumentos para recusar. Entretanto, sem as provas...

— Eu lutei por três meses pra conseguir essa obra — despejou o homem, ainda mais indignado. — Pra mostrar meu trabalho, meu valor dentro desta empresa. Me privei das coisas que eu gosto de fazer, da minha família, pra me dedicar de corpo e alma para ganhar, e consegui. Fomos escolhidos.

— A decisão é dela, Amauri. Prove, apenas prove. É o que ela quer. E o seu trabalho não terá sido em vão.

— Não vou aceitar que tudo vá por água abaixo por causa de meia dúzia de oportunistas. Ninguém quer pegar no batente, trabalhar. Querem terras doadas...

— Eles querem terra para viver dela. Não a usam para nenhum tipo de lucro.

— Eu vou te dizer uma coisa, Marcos. Vou conseguir o documento que ela quer nem que eu tenha que fazer cada desocupado assinar debaixo de bala.

Marcos apoiou a coluna no encosto, vendo o homem sair da sala batendo a porta. Voltou a olhar seu computador e a linha interna tocou.

— Alô.

— Marcos, pode vir até a minha sala?

— Claro, dona Martha, agora mesmo.

Ele saiu e foi até o elevador ouvindo sua secretária dizendo:

— Doutor Marcos...

Mas ele nem deu atenção, indo para a sala da diretora. Bateu na porta e entrou.

— Com licença.

— Entre. — Pediu, sem olhá-lo, assinando alguns papéis. — Sentese.

Dona Martha esperou que ele se sentasse, pousou a caneta ao lado do papel, tirou os óculos e cruzou os dedos sobre a mesa, olhando nos seus olhos.

— Me responda com uma palavra. O que achou da minha decisão?

— Cabe somente à senhora a decisão...

— Uma palavra, Marcos.

Marcos se endireitou na cadeira, puxou o ar e disse:

— Precipitada.

— Entendo... — falou parecendo desapontada.

— Minha opinião é irrelevante, dona Martha.

— Para mim, sua opinião é de extrema importância.

— Acredito que a senhora deva ter seus motivos.

— Você, pensando como empresário, faria essa obra? Faria a obra mesmo sem precisar dela?

— Sim.

— Por quê?

— É um grande empreendimento.

— Um grande empreendimento... — Avaliou vagamente, segurando o queixo. — Um argumento pouco convincente, vindo do doutor Marcos Monterrey, não acha? Você acha que a Costa Barreto precisa desse grande empreendimento para colocar no seu currículo?

— Não acho que precisemos provar nossa capacidade.

— Então faria apenas pela conquista?

— Sim. E o lucro dessa obra pode ser uma garantia.

— Você está certo. Caso entremos numa crise. — Dona Martha voltou a ficar em silêncio, olhando para o lado. Esfregou uma mão na outra e voltou a falar: — Você se preocupa com a tribo que vivia lá?

— Dona Martha, eu não posso opinar. É uma questão particular.

- O Marcos se preocupa com pessoas perdendo seus lares?
- O Amauri disse que foi uma desapropriação legal e pacífica.

— E você, sem nenhum dado, se convenceu disso para deitar a cabeça no travesseiro e dormir em paz no seu aconchegante lar. O problema não é seu, certo?

— Certo — respondeu ele, desconfortável.

— Tenho sessenta e quatro anos, Marcos. Acha que quero conviver com essa culpa? Esses indígenas foram expulsos. Crianças, velhos... Seres humanos. Milhares de animais silvestres, plantas, árvores centenárias. Os indígenas daquela área estão lá há mais de cem anos, utilizaram aquele espaço com respeito. E agora vai virar um pedaço de terra improdutivo. Aquilo virará um grande e bonito entulho construído pelo homem. Levando sujeira e poluição para aquela área.

“Nem tudo é só conquistas e lucros. Existem outros tipos de riquezas. Parece hipócrita, vindo da boca de uma mulher rica que vive da construção. Mas eu construo pedra sobre pedra. Vasculhe nossa história, nunca construí nada fora das grandes cidades. Nunca vou apoiar desmatamento, desapropriação.

“A ganância do homem é insaciável. Construimos monumentos colossais para chamar a atenção do parasita. É como um sanduíche, vende mais aquele que coloca mais porcarias dentro. E não vamos parar até que o planeta se transforme numa imensa bola de lixo no espaço. E o resultado disso? O fim. Não espero que me entenda agora, Marcos, mas, quando chegar na minha idade, vai ter aprendido a ter valores diferentes.

“Eu só aceitaria essa obra se eu estivesse à beira da falência, e estaria pensando nos milhares de funcionários desempregados, nas milhares de famílias sem ter o salário que sai daqui.”

Marcos não esboçou nenhuma expressão.

— Eu sei disso.

— E você? O que está me escondendo?

Ele ergueu as sobrancelhas, tentando se mostrar tranquilo.

— Está tudo sob controle — desconversou.

— Conheço você, doutor Marcos Monterrey. É claro que algo está errado — disse ela num tom firme. Ergueu o queixo para se mostrar superior e o encarou. — Vejo na sua testa, no seu rubor e na forma firme como me olha numa tentativa inútil de me convencer de que não está mentindo.

Marcos não baixou os olhos. Dona Martha sempre dizia que baixar os olhos era o mesmo que admitir a derrota. “Sempre olhe nos olhos das pessoas quando falar, mostre autoridade na sua postura, pense antes de dizer para que não lhe falte as palavras e convença com a firmeza no seu tom de voz.” Marcos despejou:

— Um fiscal quer embargar a obra do Rio de Janeiro.

— Explique-se — ordenou ela, sem demonstrar o que pensava.

— Ele quer dinheiro. Um fiscal corrupto atrás de um corruptível. Não quero me submeter à chantagem dele, mas não tenho como impedi-lo do embargo. Ele tem o poder. Posso provar depois que estamos dentro da lei, mas com isso a obra ficará parada por algum tempo. E isso, para nós, financeiramente, não é nada bom.

Dona Martha baixou os olhos. Marcos se sentiu desconfortável, achando que a tinha desapontado. Ela pensou por um instante e voltou a olhá-lo.

— Dê a ele o que ele quer.

— Mas, dona Martha...

A senhora ergueu o queixo novamente.

— O que ele quer, Marcos? Um apartamento na praia? Um carro de cem mil reais?

— Ainda não disse, mas com certeza será de valor inferior comparado ao prejuízo que teremos com o embargo.

— Você está pensando em ceder? — perguntou ela, e Marcos sabia que estava sendo analisado.

— Só estou analisando os valores.

— Deixe que pare a obra. Não vou alimentar um verme. A justiça Dele — disse ela, apontando para o alto — sempre chega. Então, caro amigo, se esse é o seu problema, não se desgaste com ele.

— De qualquer forma, vou ao Rio amanhã.

— Perfeito. Está liberado. — Ela acompanhou seu pupilo até a porta, e se sentiu no direito de perguntar: — Marcos...

— Pode falar, dona Martha.

— E sobre esse noivado?

Ele lhe devolveu um sorriso informal.

— Coisa da Bianca, fiquei sabendo pelo jornal.

Ela sorriu mais abertamente do que de costume.

— Bianca, sempre a Bianca. Não sei como pude ter errado tanto com ela. Acho que, por falta de filhos, exagerei nos caprichos com a minha sobrinha. — Marcos sorriu com olhos baixos. — Vocês pretendem se casar?

— Não tivemos tempo pra pensar nisso ainda.

Ela devolveu a ele seu sorriso robótico, e ele saiu.

No caminho de volta à sua sala, Marcos se deu o luxo de pensar em Bianca. Estavam juntos havia um ano num relacionamento que, matematicamente falando, resultaria em trinta dias de relacionamento físico. Daqui a pouco estaria casado, e não havia concluído se era isso mesmo o que queria. Mas certamente Bianca era a mulher perfeita. A mulher ideal. E o fazia feliz da forma como já fazia: mantendo-se tolerante, passiva e linda. Antes que pudesse colocar alguma dúvida naquele sentimento por ela, seu celular tocou.

— Pode falar, Ivan. Já está tudo resolvido...

.....

A porta se abriu e Vânia se aproximou.

— Doutor Marcos, o senhor vai continuar no escritório?

— Nossa — disse sem olhá-la. — Já são seis horas?

— Sim. O senhor vai precisar de mais alguma coisa?

— Não, Vânia, pode ir. Obrigado.

— As informações sobre a passagem estão no aplicativo. Já combinei tudo com a Roberta.

— Muito obrigado, Vânia.

— Se o senhor não for precisar de mais nada, eu já vou. Qualquer dúvida é só me ligar, doutor Marcos. — Ela ia saindo, mas se voltou para ele. — Ah, eu já ia me esquecendo, ligaram da recepção avisando para ninguém sair de carro. Está tendo uma manifestação aqui na frente.

Foi apenas nesse momento que o executivo se desprende do computador.

— Que tipo de manifestação?

— Não sei dizer, mas acho que ela falou algo sobre índios.

Marcos imediatamente arrastou a cadeira para trás e foi até a janela. Olhou para baixo e viu um grupo indígena na frente da empresa, além de gente da imprensa e curiosos.

— E a dona Martha?

— Foi embora de helicóptero.

Marcos saiu apressado, pegou o elevador e desceu até a recepção. Viu um aglomerado de funcionários olhando pela porta de vidro. Espremeu-se entre as pessoas para chegar até a saída e, sem pensar, abriu. Os índios, ao vê-lo, passaram a gritar “justiça”, sacudindo placas em que se lia: “Empreendimento custará vinte milhões e quinze indígenas”. Marcos quis se aproximar, mas os seguranças o barraram.

— Eles são hostis. Pode ser perigoso, doutor.

Marcos por algum motivo queria muito ir até lá e dizer que o empreendimento não era deles. Que estavam sendo injustos. Um dos indígenas, o mais velho deles, usava um cocar de penas azuis e vários colares; o rosto pintado com listras pretas e vermelhas, feitas a dedo. Usava bermuda jeans, chinelos e na mão uma lança.

Ele deu passos na direção do executivo, mas os seguranças se aglomeraram na sua frente. Marcos pediu para que o deixassem se aproximar. O indígena, com uma expressão triste, encarou-o com olhos úmidos e disse em português:

— Era meu filho... Meu povo...

— Vocês estão enganados, o empreendimento não é nosso. Não fomos nós...

O índio, por sua vez, mudou repentinamente a expressão de raiva para a de dúvida. Congelou seus olhos nos de Marcos, como se observasse através deles. Tragou o cachimbo de haste longa que segurava e jogou a fumaça no seu rosto.

— Este aqui não é o seu lugar.

— O quê?

O índio deu as costas e voltou para seu grupo.

No caminho de casa, apesar de estar com olhos grudados no celular, não pôde deixar de pensar no indígena e que dona Martha, como sempre, estava certa.

Foi para seu apartamento, mas levava consigo várias pastas de relatórios que deveriam ser reavaliados. Seus planos para aquela noite incluíam um pacote de bolacha recheada, uma lata de refrigerante e vários relatórios.

Atravessou a porta enviando mensagens pelo celular, pousou sua maleta e as pastas sobre sua mesa de trabalho. Olhou rapidamente para o filho, que estava deitado no sofá com a TV ligada, mas jogando no *tablet*.

— Oi, filho — disse Marcos, parado no meio da sala e digitando no celular. — Como foi a aula?

— Bem — respondeu também sem olhá-lo —, eu já fiz minha lição com a Roberta. ~-

— Que ótimo — falou, sorrindo para a acompanhante do menino. — Oi, Roberta.

— Oi, seu Marcos. Posso falar com o senhor?

Marcos tirou os olhos das mensagens e se sentou ao lado do filho.

— Claro.

— O Arthur me disse que deixou ele ir dormir na casa do Pedro.

— Quem é Pedro?

— O amigo do Arthur — respondeu ela, sem maiores surpresas.

Já trabalhava para ele havia três anos, e sabia que o doutor era ocupado demais para se lembrar do nome do melhor amigo do filho.

— Ah, claro. Eu deixei, sim.

— A Vânia me disse que o senhor vai viajar.

— Vou, sim, de madrugada.

— A mãe do Pedro vai levá-los à escola e depois eu vou pegá-lo.

— Obrigado, Roberta.

— Eu vou só porque aquela chata da Bianca vai dormir aqui.

— Arthur, eu já disse que você não tem o direito de falar da minha vida na frente das pessoas.

Marcos não estava irritado. Aquela frase eram apenas palavras soltas que ele usava sempre que o filho reclamava da sua namorada. Seu celular tocou.

— Alô.

Foi até a janela falando alto. Roberta ouviu alguém bater à porta e ficou desesperada, não sabia o que fazer. Virou-se para Arthur e pediu:

— Arthur, abra a porta pra dona Bianca, por favor.

— Eu não... — ele disse, comemorando por ter passado mais uma fase do jogo. — Abra você.

— Você sabe que a minha voz não está programada. Por favor, Arthur, seu pai está no telefone, não arrume briga com ele.

— Ela é uma chata, fica me agradando, mas eu sei que é só porque ela quer casar com meu pai. Ela não gosta de mim.

Roberta se ajoelhou ao lado dele e acariciou seus cabelos, pedindo carinhosamente:

— Ela gosta, sim. Por favor, não deixe seu pai chateado.

Arthur ouviu Bianca bater com mais força, olhou para o pai ao telefone e pensou que a namorada dele bateria a noite inteira, e que ainda assim ele não ouviria.

— Abrir porta — cedeu.

Arthur colocou o celular ainda mais próximo do rosto para ignorar a presença da futura madrasta. A porta se abriu e Bianca entrou carregando sua bolsa de grife no antebraço. Usava um vestido salmão até a altura dos joelhos e o salto alto a deixava do tamanho do namorado.

Bianca era linda, tinha vinte e sete anos e era inteligente e otimista, além de tão envolvida com sua vida na internet quanto Marcos com a Costa Barreto. Aproximou-se com um sorriso exagerado de lábios vermelhos e viu que Marcos falava ao celular. Não quis incomodá-lo, então cumprimentou a acompanhante e se sentou ao lado de Arthur.

— Oi, Arthur! Tudo bem?

— Tudo — respondeu sem nenhum entusiasmo.

— E como vai a escola?

Bianca olhou no próprio celular quando este apitou, e passou a digitar usando os dois polegares. Arthur enrugou o cenho com raiva e disse:

— Bati na professora e fui expulso do colégio.

— Hum... Que legal! — disse Bianca, ainda olhando no celular. — Seu pai tem muito orgulho de você.

Roberta arregalou os olhos ao ouvir aquilo e viu o sorriso vitorioso do menino por ter provado a ela que a mulher realmente não se importava. Antes que Arthur se exaltasse, Roberta se levantou, pegou a mochila dele e disse:

— Dona Bianca, a senhora pode avisar o seu Marcos que eu vou levar o Arthur na casa do amigo? Já deu a hora combinada e eu estou vendo que ele está ocupado.

— Pode deixar, aviso, sim, querida. Tchau, Arthurzinho!

Arthur fez uma careta, odiava ser chamado assim. Aproximou-se do pai e o cutucou. Marcos se virou, vendo-o fazer uma mímica avisando que iam sair. Curvou-se para beijar o filho sem se desprender da ligação, só agora notando a presença da namorada.

Vinte minutos depois, Marcos desligou o celular e se virou para Bianca, impecavelmente linda como sempre. Seus olhos azuis ficavam ainda mais vibrantes com a maquiagem, e os lábios ainda mais apetitosos com o batom vermelho. Os cabelos negros exalavam um perfume agradável e eram tão sedosos que era impossível não os tocar.

— Oi, Bianca.

— Oi, amor. Tudo bem? — disse ela, levantando-se e o beijando de forma mecânica.

Marcos tirou a gravata, o terno e abriu os primeiros botões da camisa. Bianca observou o namorado indo até a mesa de trabalho e comentou, sem dar muita atenção àquilo:

— Tem muito trabalho hoje?

— Infelizmente tenho. Vou ter que sair de madrugada, vou viajar para o Rio. Eu esqueci que você vinha dormir aqui, senão eu teria te ligado. Você sempre manda uma mensagem me avisando.

— E você nunca lê! — Alfinetou com bom humor. — Tudo bem, eu também tenho umas fotos pra postar, alguns eventos para avaliar e escolher em quais eu vou.

— Que ótimo — disse ele, abrindo o notebook.

Bianca foi até as garrafas de bebidas que ficavam sobre uma bandeja na sala de jantar. Enquanto falava ao celular, preencheu um pouco mais da metade de uma taça com vinho seco e tinto, ofereceu ao namorado com um gesto, mas ele recusou. Bianca tomou um grande gole andando pelo apartamento de um lado para o outro e falando ao celular.

— Claro que vou nessa festa... Não perderia por nada. Vou mandar fazer um vestido exclusivo para mim. Essa cafona vai morrer de raiva.

Marcos abriu seus e-mails. Os não lidos se enfileiravam infinitamente. Tentou clicar em um deles, mas o computador travou com um spam da foto de uma fazenda, que preencheu a tela inteira, num anúncio que dizia: “Está cansado da agitação da cidade? Está em busca de tranquilidade e sossego? Venha para a fazenda Paraíso”.

— Não, obrigado — desdenhou Marcos, conseguindo fechar o spam.

— Não se preocupe — continuou Bianca ao telefone. — Ok, beijo, querida, tchau.

Bianca se atirou no sofá, e cruzou as pernas, agitando o pé freneticamente.

— Brigando com suas amiguinhas pela internet de novo? — perguntou Marcos com a atenção no computador, voltando a brigar com o spam que insistia em abrir.

— A Rebeca Magalhães falou mal do meu vestido no Twitter. Ela é louca! Os estilistas pagam pra eu andar pelo shopping com suas roupas, o que não é o caso dela. — Bianca se levantou e encheu a taça novamente. — Quer sair para jantar?

— E ficar fazendo pose para paparazzo? Não, obrigado. Estou cheio de trabalho. Vamos ficar em casa, tomo um uísque e vou me deitar.

— Você vai à festa da Malu Soares comigo, não vai?

— Odeio festas, você sabe disso.

— Eu estava pensando em fazer uma viagem. O que você acha? — Marcos estava com os olhos grudados na tela do computador. Bianca olhou para ele com as mãos na cintura e disse: — Marcos!

— O que foi? — perguntou ele com olhos curiosos.

— Eu te fiz uma pergunta.

— Me desculpe, eu não ouvi. O que foi?

— Uma viagem. Eu estava pensando num luau, numa praia paradisíaca. O que você acha? A gente precisa sair junto, fazer umas fotos, tipo Adão e Eva no paraíso. Fazer amor numa praia deserta. Você me deve isso — disparou depois de dar uma gargalhada. — Você não vai às festas comigo. Preciso passar para os meus fãs que estamos bem.

— Tenho uma cama muito confortável, não vou fazer sexo numa praia só porque é romântico e você precisa de fotos. Também não posso viajar. Estou com um problema muito sério na empresa.

— Só acho que um pouco de estímulo aquece o relacionamento. Marcos cruzou os braços sobre o peito e encarou a namorada.

— Não preciso de estímulos, Bianca. Preciso de conforto. Ela se levantou, beijou-lhe os lábios e sorriu.

— Só não te chamo de troglodita porque você é Marcos Monterrey.

Ele lhe devolveu um sorriso curto.

— Não sou um troglodita, sou apenas prático. Tenho uma mulher linda ao meu lado, não preciso de afrodisíacos.

Ela sorriu maliciosamente.

— Então vou ligar a sua banheira confortabilíssima e ficar de molho lá dentro, tomando champanhe e olhando minhas redes. Quando você terminar... — sugeriu ela. ^_~

Bianca apanhou o celular e foi até a suíte, respondendo a uma mensagem. Marcos observou a namorada e o vestido justo que ela usava.

Era exuberantemente linda, mas sua atenção rapidamente se desviou para seu aparelho tocando. Era Ivan, e àquele horário não podia ser boa notícia.

— Alô, Ivan. Pode falar...

— Pararam a obra por tempo indeterminado. Perdemos, Marcos.

— O quê?

“Perder” não era uma palavra que fazia parte da sua rotina. Perder. Marcos sentiu uma dor muito forte no peito, sua vista escureceu. Curvou-se para a frente na esperança de que aquilo passasse, mas perdeu os sentidos e soltou o celular. A voz de Ivan se esvaiu no cômodo:

— Marcos... Marcos... Você está me ouvindo?

O aparelho bateu com uma ponta no chão, o vidro se estilhaçou e a luz se apagou.

Primeiro de Julho

MARCOS OLHOU PARA A MANCHA ROXA no canto interno do seu braço, deixada pelo acesso intravenoso pelo qual recebera a medicação. Em seguida, olhou para Arthur, que mantinha a atenção presa no *tablet*. Voltou a nuca ao encosto do banco, levou os olhos até a janela da aeronave e observou o céu através das lentes dos óculos de sol, lembrando-se de sua mentora dizendo rigidamente:

— Você tem duas escolhas, Marcos: ficar aqui e morrer; ou ir para essas férias e ter uma chance de no futuro continuar à frente das minhas empresas. Acho que a escolha é óbvia.

— Dona Martha, a senhora mais que ninguém sabe que eu não posso ficar tanto tempo fora. Eu preciso trabalhar. Tenho um milhão de coisas pra resolver, e agora esse problema com a torre do Rio. A empresa precisa de mim.

— Esse é o problema, Marcos. Há anos a empresa se tornou dependente de você, e isso não é saudável para nenhuma das partes. Um bom líder não carrega a equipe nas costas, e é isso o que você tem feito. Uísque substituindo jantares, noites sem dormir, sanduíches e estresse não te tornam mais profissional do que os outros. Te torna uma pessoa doente.

— Eu posso rever minha rotina...

— Marcos, vou lhe fazer uma confissão. Me sinto totalmente responsável pelo fim do seu casamento com a Deborah e pelo seu estado de saúde atual. Você não vai mudar. Ficar aqui não vai fazer você resistir às extravagâncias.

— A senhora não tem culpa dos meus problemas particulares.

— Quero que fique fora por um mês — dissera, taxativa. — E isso é uma exigência. Sem pensar na empresa. Cuidando da sua saúde. Se divertindo com seu filho. Pensando no seu futuro com a Bianca. Um mês é o tempo que você tem para me provar que é capaz de se manter em equilíbrio. Você é um *workaholic*, e isso não é um título honorário, é uma doença.

— Dona Martha...

— Sabe que sou mulher de uma única palavra. Então, não desperdice o nosso tempo com argumentos, doutor Marcos Monterrey.

Marcos olhara para o lado por um tempo.

— E que lugar é esse?

Dona Martha lhe lançara seu sorriso robótico.

— Você vai adorar! É literalmente o paraíso. Garanto a você que vai voltar outra pessoa. — Levou o gancho do telefone até sua orelha. — Vânia, alugue um jatinho, por favor.

Marcos tirou o celular do bolso da camisa pela décima vez: nenhum sinal de internet. Voltou a guardá-lo e esticou o pescoço até a janela para conseguir olhar por onde sobrevoavam; àquelas alturas só era possível ver um vale montanhoso com um rio cortando toda sua extensão. Por onde seus olhos alcançavam, via apenas pastos, morros e montanhas. Não havia cidade em parte alguma.

Quando o piloto iniciou o pouso, Marcos observou um pequenino vilarejo próximo a uma casa. As rodas do avião tocaram o chão suavemente, e este passou a deslizar pela pista até parar por completo.

O executivo apanhou sua maleta com o notebook, tocou no ombro do filho para ajudá-lo a descer e passou os olhos à sua volta.

— Onde estamos? — perguntou ainda olhando ao redor, tentando reconhecer o lugar.

— Fazenda Arumã — respondeu o piloto.

— A dona Martha me disse que era um resort.

— Tenho certeza de que ela me disse fazenda Arumã, doutor.

Marcos fez covinhas de reprovação, apanhou o celular e mesmo sem nenhum ponto de sinal de telefonia discou para Vânia. A ligação não foi concluída.

— Isso não é possível! Aqui é o meio do nada.

Para aumentar ainda mais o desespero do homem, uma charrete levantando poeira vinha de uma longínqua estrada de terra. O veículo parou ao lado deles e dela saltou um homem usando chapéu, camiseta branca, jeans, botas de couro de cano curto e cinto com a fivela com a imagem de um cavalo. Ele os recepcionou com um sorriso tão largo que era possível notar que lhe faltavam os dentes laterais.

— Boa tarde, doutor. Sejam bem-vindos à fazenda Arumã. Meu nome é Tomás.

Ambos estenderam as mãos, e Marcos sentiu a aspereza da pele do homem ao toque do cumprimento.

— Marcos...

— Vou levar vocês até o casarão da dona Martha — continuou o homem num carregado sotaque interiorano, no qual o som da letra “r” era estendia mais do que o comum. Nesse momento, Arthur tirou os olhos do *tablet* e empurrou os óculos para perto dos olhos, observando à sua volta também. Parecia que havia acabado de despertar.

— Que lugar é este, pai?

— É a fazenda da dona Martha.

Tomás pegou as duas malas das mãos do piloto e as acomodou na parte detrás da charrete, em seguida apontou o banco para os dois como

que os avisando que era hora de subir. Pai e filho apenas moveram os olhos para analisar o veículo inusitado e se entreolharam. Marcos se virou para a estrada, cogitando ir a pé até a propriedade, mas àquela distância não era possível ver o tal casarão, então resolveu ceder.

— Vamos! — insistiu Tomás.

— Claro — respondeu Marcos com um sorriso sem graça, apoiando a mão no ombro do filho.

— Eu não quero ir, pai.

— Vamos, Arthur... — ordenou gentilmente.

O menino obedeceu e subiram sem nenhuma dificuldade. Tomás subiu, fazendo a charrete balançar, tomou as rédeas e bateu de leve no dorso do animal para avisá-lo que poderia seguir. Apenas o tranco no início deixou os visitantes um tanto apreensivos.

A viagem seguiu no galope leve do animal, que mesmo assim fez as rodas levantarem uma nuvem de poeira atrás deles. Marcos, muito descontente, percebeu os óculos de sol embaçarem, tirou-os e os virou para observar o lado externo das lentes: estavam empoeiradas. Guardou-os no bolso da camisa e passou a mão no rosto, sentindo-se muito incomodado.

— Pai, isso é uma charrete, né?

— Isso mesmo.

— Não achei que as pessoas usassem ainda.

— Nem eu — disse, erguendo a sobrancelhas, mostrando-se tão surpreso e insatisfeito quanto ele.

Marcos olhou para o céu, devia fazer uns trinta e dois graus, mas o clima seco deixava a sensação de quarenta. Olhou à sua volta, dona Martha estava certa. O lugar era lindo, um paraíso, mas para quem tinha paciência de apreciar a pasmaceira interiorana, poeira, mato e cheiro de esterco.

Para Marcos, toda aquela natureza, além de nem um pouco atraente, era sinônimo de falta de sinal de internet, dias lentos e isolamento. O executivo levou os olhos até o filho, passou o braço sobre os ombros dele e

lhe deu um beijo na cabeça, mesmo que este nem o tenha percebido, pois voltara a dar atenção ao jogo.

Continuaram na estrada que cortava a fazenda em duas partes. De um lado, nada; e do outro, coisa nenhuma. Apenas um imenso tapete verde, árvores e animais pastando. Mais adiante, um velho muito magro, montado num cavalo que parecia tão velho quanto ele, vinha no sentido contrário e acenou para que seu Tomás parasse.

— Você o conhece? — perguntou Marcos, preocupado.

— Conheço, sim, senhor. É o seu Guma, ele é peão daqui.

Tomás parou a charrete ao lado do cavalo e o homem o saudou tirando o chapéu.

— Boa tarde, seu Tomás. Boa tarde, doutor!

— Boa tarde! — respondeu o executivo.

Arthur ergueu a cabeça e empurrou os óculos para mais perto dos olhos, examinou o homem com certa indiscrição: parecia um caubói dos filmes que passavam na TV. Na cintura, levava um facão dentro da baia.

— O que manda, seu Guma? — indagou seu Tomás.

— Eu tô procurando mestre Ubiraci. Meu netinho tá meio enjoado, não come direito tem dois dias.

— O mestre não está cortando lenha pra dona Joana? ─

— Acabei de vir de lá. Ele num tá, não.

— Fica tranquilo, só vou deixar o doutor no casarão e te ajudo a procurar pelo mestre. Deve estar rodeando a fazenda, já que a patroa não está.

— Deus o abençoe, seu Tomás.

— Amém, seu Guma.

O velho a cavalo, antes de partir, olhou para Marcos e indagou:

— O senhor doutor não pode dar uma examinada no bichinho?

— Desculpe, mas eu não sou médico.

O homem fez uma expressão de dúvida, mas agradeceu.

— Desculpa incomodar o senhor, e seja bem-vindo.

— Obrigado.

Continuaram no chacoalho desprezioso da charrete. A estrada seguia reta e irregular. Uma cerca feita de arames contornava o caminho dos dois lados. A charrete diminuiu a cavalgada quando o chão de terra deu lugar a uma rua de pedras, que deixou a viagem mais trepidante. Árvores frondosas e centenárias se dividiam, abrindo passagem para recepcioná-los no pátio, deixando o lugar fresco à sombra de suas folhagens.

E finalmente avistaram a propriedade, que não era chamada de casarão à toa. Uma casa branca com forte influência italiana na sua arquitetura. Nas paredes externas, detalhes neoclássicos revelavam a identidade da propriedade muito bem preservada, destacando-se aos pés de um morro. Na fachada, um alpendre com quatro colunas de madeira talhada e pintada de azul amparava a porta principal da casa e a dividia em duas fileiras de inúmeros janelões, também pintados de azul, no melhor estilo “casa de fazenda”. O telhado feito com telhas de barro manchadas pelo tempo dava à propriedade ainda mais crédito quanto à sua idade.

O condutor da charrete parou, um ganso grasnou e o som se destacou no silêncio do lugar, agitando os pássaros.

— Que barulho é esse, pai?

— Deve ser de um pato...

— É um ganso — replicou o motorista. — Deve ser o Elvis Presley, ele é muito exigente, reclama de tudo.

Os visitantes não deram atenção e saltaram. Marcos observou o lugar à procura de postes e fios e se incomodou por não encontrá-los. Despreendeu-se dos pensamentos quando ouviu um cachorro vira-lata latir para ele. Marcos puxou o filho para mais perto, com medo que o animal avançasse, entretanto seu Tomás falou tranquilamente com o cão, como se fosse uma pessoa:

— Kevin Costner, está mal-humorado hoje? A patroa saiu sem você, né? — Seu Tomás riu do próprio comentário e em seguida se virou para os

visitantes. Explicou: — Ele fica meio estressado quando a patroa sai sem ele.

Marcos sorriu, fingindo saber do que ele dizia. Subiram a escada de pedra que dava acesso ao alpendre sob o olhar analisador do vira-lata. Ao lado da porta havia um sino de bronze pendurado na parede.

Seu Tomás agitou a corrente presa no badalo e o som fez Arthur se encolher entre os ombros, incomodado. O homem abriu as duas folhas da porta e tirou o chapéu de forma respeitosa antes de entrar.

Marcos tocou no ombro do filho, percebendo que o menino havia largado o *tablet*.

— Pai, você já veio aqui?

— Não, nunca. Vamos. — Arthur endureceu o corpo, mas Marcos insistiu gentilmente: — Entre, filho, por favor.

O menino obedeceu e ambos ficaram parados no meio da ampla sala, ouvindo Tomás avisar:

— O doutor fica à vontade, a dona Joana já vem recepcionar vocês. Se precisarem de algum serviço meu, é só mandar me chamar que eu venho correndo.

— Obrigado, senhor.

Após um gesto com a cabeça, o homem se retirou, deixando pai e filho mais à vontade para passar os olhos pelo lugar. O pé-direito era mais alto do que das casas tradicionais, e todas as paredes, incluindo o forro, eram pintadas de branco, embora os batentes, portas internas e janelas fossem azuis, preenchendo o espaço com cor. As cortinas feitas de linho azul-escuro davam certo charme a todas as janelas.

Marcos continuou observando o teto e constatou que havia um antigo lustre de ferro com duas lâmpadas, então havia energia. Olhou seus sapatos empoeirados e sob eles um assoalho de tábuas escuras e retas. A lareira com chaminé feita de pedra bruta era grande o bastante para aquecer todo o ambiente, e diante dela um sofá e duas cadeiras talhadas com madeira de lei que pareciam com os tronos dos antigos reis.

Havia, no mesmo ambiente, uma sala de estar no estilo da sala da lareira, mas com dois sofás ainda maiores e quatro poltronas forradas com tecido colorido. Ao lado, uma enorme mesa de madeira com catorze lugares e um aparador.

Nada ali dava a sensação de aconchego e conforto, mas sim a de que estavam numa viagem no tempo: precisamente no século XIX.

Ao finalizarem a análise, viram que, perto da janela, ao lado da porta, havia uma cadeira de rodas e nela descansava uma senhora na casa dos oitenta anos. Um rosto grosseiro, enrugado, de nariz curvilíneo e olhos fundos e úmidos, paralisados no ar. Mesmo sentada, era possível ver o quanto era pequena, fraca e debilitada.

Arthur, sem desgrudar os olhos da senhora, puxou o braço do pai e sussurrou:

— Será que ela está morta?

Marcos ia responder, mas ouviram passos pesados sobre o assoalho. Do lado direito, surgiu uma mulher de meia-idade, cabelos lisos e negros que passavam um pouco da linha dos ombros. No rosto, alguns traços apontavam sua descendência indígena. Tinha sorriso generoso, olhar sincero e usava um vestido florido até os joelhos. Ela se aproximou, estendendo a mão.

— Boa tarde! — disse com um forte sotaque — Meu nome é Joana.

Marcos tirou a mão do ombro do filho e respondeu ao cumprimento.

— Marcos... E este é o meu filho, Arthur.

A mulher, percebendo que o garoto não parecia muito à vontade, apenas sorriu para ele e voltou a encarar o executivo.

— Não sei se a dona Martha contou pro senhor que minha filha e eu somos as responsáveis pela fazenda desde que meu marido faleceu.

— Não, na verdade estou um pouco surpreso, eu não sabia que viria pra cá.

Ela ergueu as sobrelhas ao ouvir aquilo, mas preferiu não fazer nenhum comentário. Continuou apontando para o corredor da esquerda.

— Então, vamos conhecer a casa? As salas dividem a propriedade em duas áreas: o lado esquerdo dá acesso aos quartos de hóspedes; já o lado direito, à cozinha e ao quarto dos empregados.

Quando passaram pela senhora na cadeira de rodas, inesperadamente ela se mexeu e disse em tom de voz alto:

— Seu avô chegou, Joana?

Arthur se assustou, e dona Joana a repreendeu com carinho:

— Vovó, não assuste os hóspedes.

— Eu não fiz nada — disse a senhora. — Quem são esses aí?

— São hóspedes: doutor Marcos e Arthur, filho dele.

— Vieram para a festa?

— Sim, vovó. — A senhora voltou à sua posição inicial, com olhos paralisados. Dona Joana sorriu carinhosamente e olhou para Marcos. — Não se preocupem com ela. Me acompanhem, por favor — continuou a mulher, adentrando o corredor. Após cinco portas azuis, abriu uma delas. — Este é o seu quarto. Não temos suíte, mas o banheiro fica na porta da frente. O Arthur pode ficar no quarto ao lado.

— Vou dormir aqui com o meu pai.

— Como quiser — disse ela com um sorriso. — Se preferir, podemos trazer outra cama pra cá.

— Não será necessário — interrompeu Marcos, achando que não passariam mais de uma noite naquele lugar.

— Bem, a cozinha fica do outro lado da casa. Como eu já disse, é só atravessar as salas e continuar no corredor. Podem ir até lá a qualquer momento. Eu acabei de fazer um bolo, se quiserem tomar café antes do jantar.

— Obrigado! — disse Marcos, sentindo-se muito desconfortável.

— O jantar é servido às seis, e o almoço ao meio-dia, na sala de jantar. Mas se quiserem comer em outro horário, é só avisar. Se tiverem algum cardápio próprio, me falem e eu farei o possível pra cozinhar do jeito que vocês gostam. As luzes da casa são apagadas às nove, e, como não há interruptores nas paredes, vão precisar da ajuda do lampião para caminhar por aqui. Todos os dias, às oito horas, Isalina vai trazer uma moringa com água fresca para que passem a noite. Qualquer coisa que precisar, é só usar o sino.

— Que sino? — perguntou o garoto.

— Venham até a porta, por favor. — No largo corredor havia um aparador, e sobre ele uma máquina de escrever antiga e um sino de ferro em cima de uma toalhinha de crochê. Dona Joana apanhou o pesado objeto e se virou para Arthur. — Quer experimentar?

O menino balançou a cabeça negativamente, parecia com medo de todas aquelas novidades. Dona Joana balançou o sino, Arthur se incomodou novamente com o som, e, em seguida, passos apressados arrastando chinelos se aproximaram. Uma moça bonita, de cabelos longos e castanho-claros, olhos grandes, magra e alta parou diante deles.

— Chamou, dona Joana? — disse a recém-chegada, arregalando os olhos para o executivo.

Dona Joana percebeu a indiscrição da moça e limpou a garganta, continuando:

— Esta é Isalina; Isalina, esses são o doutor Marcos e Arthur, o filho dele. Tudo o que quiserem, a Isalina vai fazer o impossível para conseguir. É só pedir. No casarão moram somente Isalina, minha filha e eu. Na fazenda, tem uma colônia na qual moram os trabalhadores daqui, então vão encontrar muita gente perambulando pelo pasto — disse a mulher com um sorriso humilde —, mas todos estarão prontos pra atender no que precisarem. Espero que aproveitem bem as férias. Qualquer coisa que precisarem, é só pedir, a gente vem correndo.

— Obrigado, dona Joana.

As duas se afastaram, e os dois continuaram de pé analisando o ambiente. Um quarto grande, com cama de casal, guarda-roupas, criado-

mudo e mesa para refeições, todos de madeira escura e talhada. As cortinas eram iguais às da sala.

Marcos se virou para o filho, que mexia na maçaneta, estranhando a necessidade de usar o polegar para acioná-la.

— Pai, eu não quero ficar aqui.

Marcos pensou em dizer que também não queria, mas não o fez para não aumentar a insatisfação do filho.

— Fique tranquilo, vai dar tudo certo.

— Como vai ser a noite? Vamos ficar na escuridão total?

— Não sei...

— Se eu encontrar com aquela mulher da cadeira de rodas no escuro, vou ter um treco.

— Acho que ela não anda, filho. E não fale assim, é só uma senhora — disse, consultando o celular.

— Pai, sério, não quero ficar aqui.

— Arthur, não é hora para isso. — Marcos se certificou de que não havia sinal de internet nem de telefone e se virou para o filho. — Seu *tablet* tem sinal? ~-~

— Não...

— E o sinal de telefone?

— Também não. Tudo parou de funcionar desde o momento em que pisamos aqui. Acho que a dona Martha não gosta de você, pai.

— Também acho que não — concordou Marcos, sorrindo. — E, acredite, ela passa todas as férias aqui, nem dá pra acreditar.

Arthur foi até o guarda-roupas e observou a madeira grossa e escura, os detalhes dos desenhos talhados, que aos seus olhos pareciam um tanto lúgubre.

— Nem a vovó tem um móvel deste. — Voltou-se para o pai, que estava andando de um lado para o outro com os olhos no celular. — O que você está fazendo?

— Estou reiniciando o celular, quem sabe ele busca a internet daqui.

— Pai, não vai dar certo. Eles não têm nem TV. Isso é uma necessidade básica de toda casa, como ter privada.

Apesar de Arthur estar realmente desesperado, conseguiu fazer o pai sorrir.

— Não seja exagerado, Arthur. Um mês vai passar rápido, você vai ver — disse sem nenhuma convicção.

— Duvido, você viu esta casa? Essas pessoas esquisitas? Eles parecem personagens de filme de terror. E o que é uma moringa?

Marcos se sentou na cama olhando para o celular, mas sorriu ouvindo o filho.

— Moringa é um recipiente pra colocar água.

— Acho que é um instrumento de tortura.

Arthur foi até a janela e afastou a cortina, olhou o trinco de ferro em forma de um enorme “L” que ia até a parte superior, destravou-o, abriu e fechou para testar se funcionava. Olhou para fora e o sol forte feriu seus olhos. Passou a observar a fazenda, e nada daquilo lhe chamava atenção. Apenas grama, árvores e o rio que passava do lado esquerdo da propriedade. Pensou que um mês naquele lugar sem seu quarto e sem suas coisas seria seu pior castigo.

.....

Marcos e Arthur atravessaram a porta do quarto para ir ao banheiro apenas uma única vez durante toda a tarde, e repetiriam a travessia para tomar banho. O menino abriu a porta, colocou a cabeça para fora do quarto e olhou dos dois lados do corredor, como se fosse fugir. Apertou os olhos e viu os pés da senhora, que continuava sentada na cadeira de rodas na sala.

— Pai, vamos!

Caminharam até o banheiro com as roupas e as toalhas nas mãos. Pousaram tudo sobre um cesto de vime e ficaram por um tempo analisando o cômodo.

— Essa banheira parece uma xícara gigante. — Comparou Arthur. — Vamos ter que entrar nela pra tomar banho?

— Parece que sim. Não tem chuveiro aqui.

— Acha que vai sair água quente?

— Vamos ver — conjecturou, girando o dispositivo que parecia uma válvula para hidrante.

Os dois se despiram e se encolheram de frio. O dia havia sido muito quente e seco, e à noite a temperatura havia despencado drasticamente.

— Pelo menos tem sabonete e xampu que a gente conhece.

— Vá fazer xixi antes de entrar — ordenou o pai.

O menino obedeceu. Urinou observando o vaso sanitário azul-celeste, os azulejos com estampa floral.

— Eu nunca tinha visto pia e vaso sanitário como esses, e os azulejos são bem esquisitos.

— São bem antigos...

— São feios — afirmou o garoto.

Arthur terminou de urinar e percebeu que não havia caixa acoplada nem válvula de descarga. Ergueu os olhos para o alto, havia uma caixa plástica e uma cordinha.

— Pai...

— Oi, filho...

— Como você deu descarga da outra vez que viemos ao banheiro?

— É só puxar essa cordinha — respondeu Marcos, entrando na banheira e soltando um gemido satisfatório. — Hum... A água está bem quente.

~

Arthur ficou por um tempo analisando a cordinha e a puxou, ouvindo o barulho da água descer pelo cano e chegar até o vaso sanitário.

— Que coisa mais esquisita. — O menino foi até a banheira, entrou, ficando de frente para o pai. Marcos passou sabonete na esponja e o filho indagou: — O que é isso?

— Uma esponja natural — disse, esfregando-a contra o braço do menino.

— Parece um bicho. E o que são esses pontinhos pretos?

— São sementes...

Arthur passou a observar os movimentos do pai o esfregando, nunca imaginou que ele saberia lhe dar banho. Olhou no rosto dele, tocou sua barba e disse:

— Quando eu crescer quero ter uma barba igual a sua.

Marcos soltou o ar pelas narinas com um sorriso envaidecido.

— Você vai ter.

— Eu escuto todo mundo falar que você é bonito.

— Mas eu prefiro ouvir que sou um bom profissional — disse serenamente.

Arthur ficou em silêncio por um tempo, e com inocência comentou:

— Nunca tomamos banho juntos antes. — Marcos parou de esfregá-lo e o encarou: — Não fazemos muitas coisas juntos.

— Você entende que eu sou um homem muito ocupado?

— Entendo, pai. — Marcos sorriu, satisfeito, e voltou a esfregá-lo.

— Mas acho que de vez em quando a gente podia fazer alguma coisa juntos. Quando você estiver de folga. Mas eu sei que você precisa trabalhar, pai. — Marcos não conseguiu dizer nada até o filho emendar: — A mamãe não entendia, não é? Por isso vocês se separaram. Eu não quero me separar de você.

Marcos parou novamente o movimento.

— Ela não entendia e eu também não quis entender a sua mãe. Nós erramos, mas a culpa sempre foi mais minha.

— Se pudesse voltar no tempo, você ia ficar com a mamãe?

Marcos sorriu carinhosamente para o filho, lembrando-se da ex-esposa, e disse, olhando em seus olhos:

— Se eu pudesse voltar no tempo, eu faria tudo diferente. Acredite. Você não fala muito nela.

— Falo, sim, pai, pra Roberta. Mas eu não me lembro muito da mamãe. Quase nada.

— Ela amava muito você.

— A gente não tem muito tempo pra conversar. Sabe, nós dois — disse o garoto tranquilamente, mas Marcos se sentiu culpado. Arthur voltou a ficar em silêncio, pensativo, observando os movimentos do pai. — Pai, você acha que a mamãe olha a gente lá do céu?

Marcos juntou as sobrancelhas quando a frase fez sua garganta arder, mas se mostrou forte.

— Acho que ela está o tempo todo com você.

Arthur sorriu por ouvir aquilo.

— Eu ouvi a vovó falar pro vovô que, mesmo separados, ela ainda amava você.

— Sua avó disse isso?

— Sim... — Marcos baixou os olhos, lembrando-se da voz de Deborah: “Amo você como nunca vou amar outro homem”. — Você ama a Bianca como amava a minha mãe?

Marcos encheu a cabeça dele de xampu e esfregou, fazendo muita espuma, tentando ganhar tempo para que o nó, que cada vez apertava mais sua garganta, desse uma trégua.

— Amei sua mãe de uma forma que nunca vou amar outra mulher. Sua mãe foi única para mim.

— E mesmo assim vocês se separaram?

— Um dia você vai entender, Arthur, que o ser humano só dá valor às coisas quando as perde, e às vezes é tarde demais para voltar e consertar tudo. Não vou te julgar se não me perdoar, mas por enquanto basta saber que eu amei muito sua mãe. Amo você mais do que qualquer coisa e ninguém vai substituir vocês no meu coração.

O menino sorriu, e Marcos fez uma barba branca de espuma em seu rosto.

— Fiquei igual a você, pai?

— Sim, só que bem mais velho.

Na hora do jantar, não foram até a mesa. Marcos pediu que as refeições fossem servidas no quarto. Então, pontualmente às seis horas, Isalina entrou com o jantar. Às sete retirou a louça suja, e às oito colocou a moringa sobre a mesa com duas canecas de ferro.

Arthur esperou que ela saísse e se levantou para conhecer o novo objeto. Tocou na moringa e, um tanto desapontado, comentou:

— Um jarro de barro... grande coisa!

Os dois se deitaram na cama, abraçados e aquecidos debaixo de pesados cobertores. As luzes foram apagadas e a casa se cobriu de uma escuridão aterrorizante. Ouvia-se apenas o som dos grilos, dos sapos e de algum animal que não puderam identificar.

Marcos contou ao filho algumas histórias sobre sua infância, e não foi preciso muito tempo para pegarem no sono.